

CIDADE E MODERNIDADE EM BENJAMIN E VIRILIO

Mauricio Mancilla Muñoz¹

Universidade Austral de Chile (UACH)

 <https://orcid.org/0000-0001-9423-7102>

E-mail: mauriciomancilla@uach.cl

RESUMO:

Este ensaio aborda, a partir das obras de Walter Benjamin (1892-1840) e Paul Virilio (1932-2018), o sistema complexo que configura a cidade e como este molda a vida cotidiana. A cidade é o centro de gravidade na reflexão de ambos os autores, que examinam as consequências da rápida industrialização e urbanização, do desenvolvimento de novas tecnologias e da emergência de uma cultura de massas. A primeira parte examina, a partir de Benjamin, a transformação da cidade moderna em uma mercadoria que esconde sua trama capitalista. A segunda parte apresenta a tese provocativa de Virilio sobre como a crescente aceleração e expansão dos meios tecnológicos de comunicação e informação transformou a experiência da vida cotidiana, que leva ao desaparecimento da ideia clássica da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Benjamin; Virilio; Cidade; Velocidade.

THE CITY AND MODERNITY IN BENJAMIN AND VIRILIO

ABSTRACT:

The present essay looks at the complex modern web that makes up the city and how it impacts daily life, using the works of Walter Benjamin (1892-1840) and Paul Virilio (1932-2018). The city is the center of gravity in the reflections of both authors, who examine the consequences of rapid industrialization and urbanization, the development of new technologies and the emergence of mass culture. The first part examines, through Benjamin, the transformation of the modern city into a commodity that hides its capitalist backstory. The second part presents Virilio's provocative thesis of how the increasing acceleration and expansion of communication and information technologies have transformed the experience of daily life, which leads to the disappearance of the classical idea of the city.

KEYWORDS: Benjamin; Virilio; City; Speed.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid (UCM), Madrid, Espanha. Professor(a) da Universidade Austral de Chile (UACH), Valdivia, Los Ríos, Chile.

Introdução: a cidade como um fenômeno moderno

Uma cidade feita para a velocidade é uma cidade feita para o sucesso
Le Corbusier

Ao longo da história foram delineadas várias definições e interpretações filosóficas, sociais, econômicas, políticas, psicológicas e culturais da cidade. Nos tempos antigos, Aristóteles (2018, p. 1252a1-8) definiu a cidade (*pólis*) como uma comunidade (*koinonía*) de cidadãos (*politai*) que adota uma forma específica de governo (*politeia*) e que atinge total autossuficiência (*autárkeia*), na medida em que busca garantir as condições necessárias para uma boa vida. Tratava-se de uma organização política que exercia soberania sobre um determinado território e que servia de centro para a vida social, política e econômica. Com o desenvolvimento da industrialização, das inovações no transporte e das migrações massivas de pessoas, surgiu a “cidade moderna”, onde a forma de entender a população, a estrutura social, a organização política e a economia acabou sendo muito diferente. Desde o final do século XVII até hoje, o “moderno” tem servido para caracterizar um presente em constante transformação, onde a cidade é o epicentro de sucessivos processos de obsolescência.

No início do século XX, especialmente do ponto de vista sociológico, houve um aumento no interesse de estudar a vida social e o conjunto de interações humanas em áreas urbanas. Tanto Georg Simmel (1858-1918) quanto Max Weber (1864-1920) são, com toda a propriedade, os exemplos mais proeminentes desta sociologia que tenta compreender os diferentes momentos históricos que compõem as metrópoles modernas. Simmel, por sua vez, escreveu um curto, porém notável, ensaio sobre “A metrópole e a vida mental” (2006 [1903]), onde descreve o efeito da vida urbana no desenvolvimento da cultura. Na opinião de Simmel, o fato de um conjunto de estranhos estar em uma metrópole, cujas interações são caracterizadas principalmente pela falta de compromisso, tem uma influência decisiva no pensamento e na ação das pessoas, o que molda o aparecimento do individualismo na sociedade capitalista. Por sua vez, Weber foca menos nos aspectos culturais do que nos econômicos, pois para ele estes últimos conformam e transformam a cidade moderna. Em seu ensaio “A cidade” (2000 [1921]), ele descreve a importância desta como um lugar favorável para o desenvolvimento das relações econômicas. Sua função primordial é permitir que os habitantes vivam juntos, embora sem se conhecerem, ou seja, abstrai o conhecimento pessoal em favor da união. A sociedade como um todo está subordinada à materialidade da cidade, a ponto de reconfigurar a humanidade e reconstituir a experiência.

Ao examinar o fenômeno da cidade através dos olhos da filosofia, o que emerge fortemente é a vida cotidiana como a expressão íntima do tecido urbano multifacetado. Na minha opinião, no século passado, quem conseguiu recolher o depoimento com uma preocupação filosófica sobre a cidade foram Walter Benjamin (1892-1940) e Paul Virilio (1932-2018). Apesar de todas as diferenças, o trabalho de ambos os pensadores surge de uma profunda preocupação com a história, e uma releitura de seu legado lança luz sobre a modernidade e suas condições históricas de transformação. Ambos praticaram a indução, como método filosófico, inferindo leis gerais da cultura e da história a partir dos detalhes minuciosos da vida cotidiana. Suas obras se apartam do método convencional –às vezes árido– da exposição teórico-filosófica que obriga ao escritor a enunciar premissas gerais, para então se apoiar em proposições particulares. Tanto Benjamin quanto Virilio abordam repetidamente os mesmos temas: a cidade, as relações entre os seres humanos e a tecnologia, e uma percepção singular dos efeitos da economia política.

Com Benjamin, através de uma fenomenologia do urbano, poderemos descobrir a trama complexa que esconde a cidade, ao ponto de oferecer para nossa compreensão uma radiografia íntima da modernidade, onde encontramos novas formas de experimentar e recordar. A cidade é

o centro de gravidade da leitura benjaminiana da modernidade, buscando seus significados nos fenômenos urbanos mais concretos. Por Virilio poderemos compreender como sob o signo da velocidade, o espaço urbano é levado à sua desterritorialização. Da mesma forma, podemos traçar algumas possibilidades de resistência revolucionária para ressignificar a organização do espaço, da cultura e da sociedade.

A fantasmagoria da cidade por Benjamin

Na segunda metade do século XIX na França –entre 1852 e 1870– período conhecido como o Segundo Império, Napoleão III encomendou ao prefeito Georges-Eugene Haussmann a ambiciosa tarefa de remodelar a cidade de Paris. O trabalho consistia em levar água potável e esgoto para a cidade, iluminar as ruas com faróis de gás, construir um mercado central (*Les Halles*) e uma série de avenidas, parques, passeios marítimos, estações ferroviárias, escolas, hospitais, asilos, prisões e prédios administrativos. Por seu papel na transformação da paisagem urbana de Paris, Haussmann deu a si mesmo o nome de “artista demolidor” (BENJAMIN, 2005, p. 47). Como em quase todas as reformas urbanas, as massas trabalhadoras do centro foram deslocadas para os subúrbios e suas casas foram demolidas para dar lugar às linhas limpas da nova cidade. Com o passar do tempo, foram criadas amplas avenidas que se mostraram imunes às barricadas e permitiram a livre circulação das tropas. A ideia não era expandir as artérias existentes, senão quebrar séculos de quarteirões densamente povoadas, que eram vistas como células germinativas para rebeliões e epidemias. A construção dessas novas e grandes avenidas transformou a cara heterogênea da antiga Paris, que –segura e muito bem iluminada– rapidamente foi coberta de lojas, hotéis, restaurantes, cafés e outros locais de consumo (Cf. JORDAN, 1995; HARVEY, 2006; KIRKLAND, 2013). Isso transformou a metrópole de Haussmann em uma singularidade histórica mundial e a elevou ao posto de uma cidade moderna *par excellence*, uma meca de entretenimento que continua cativando turistas e viajantes de todo o mundo.

No decorrer do século XIX, por sua vez, houve mudanças de grande alcance na valorização cultural da paisagem urbana e a cidade passou a ocupar o lugar que a natureza tinha no período romântico. O que mais se destaca agora é o surgimento da cidade como um espaço de construção permanente e mudança (Cf. BERLIN, 2015). Através de seus ensaios, Benjamin se tornou um dos primeiros pensadores a elaborar uma profunda crônica da vida urbana. Durante treze anos, entre 1927 e 1940 –ano de seu suicídio em Portbou–, ele acumulou muitas notas e citações com o propósito de narrar, como apontou Jesus Aguirre (1972, p. 16), “a construção histórico-filosófica do século XIX”. Este enorme quebra-cabeça que dá vida ao *Trabalho das passagens (Das passagens-Werk)* também pode ser lido como uma história da cidade na era capitalista, um projeto que é vigente até hoje. As “passagens” referem-se a aquelas galerias envidraçadas tão características do século XIX, mas também são “passagens” essas enormes acumulações de citações que constituem a estrutura de uma obra incomparável. Embora a natureza extensa e fragmentária da obra deixe amplo espaço para interpretação, essa tornou-se acessível graças ao trabalho notável de seu editor, Rolf Tiedemann (2005, p. 12), quem estabeleceu uma ordem “na esperança de ajudar ao leitor” a transitar pelos diferentes caminhos deste profuso “labirinto”. Através de documentos, crônicas, fotografias e ilustrações de todos os tipos, Benjamin aguçou seu olhar para uma leitura da paisagem urbana de Paris, vendo –através das motivações ocultas do planejamento urbano– tanto as intenções políticas subjacentes que emergem do embelezamento estratégico gerado por Haussmann, quanto a fantasmagoria de uma cidade que se tornou um emblema da cultura capitalista no século XIX (Cf. ILG, 2007, p. 155-156).

A crítica de Benjamin à lógica capitalista não se limita à esfera econômica, senão que atravessa e permeia todos os campos da vida cotidiana. Em um pequeno fragmento póstumo – escrito em 1921– ele aponta que:

O capitalismo é uma religião cultural pura, talvez a mais extrema que já existiu. Nele, tudo tem significado apenas de maneira imediata em relação ao culto; não conhece dogma especial, nem teologia [...]. O capitalismo é a celebração de um culto *sans [t]rêve et sans merci* [sem trégua e sem misericórdia] (BENJAMIN, 2017, p. 128).

Seguindo as palavras de Giorgio Agamben, quem oferece uma interpretação esclarecedora deste texto, para “Benjamin, o capitalismo não é apenas, como afirma Weber, uma secularização da fé protestante, senão que ele mesmo é essencialmente um fenômeno religioso” (AGAMBEN, 2013, não p.). Porém, é um culto religioso que não persegue nenhum credo particular, que não tem um dia sagrado, que pode ser celebrado ininterruptamente todos os dias da semana, que sua duração é permanente e auto-perpetuante, e –talvez o mais grave– e que não expia a culpa, senão que a engendra (BENJAMIN, 2017, p. 129). O capitalismo como religião, ao contrário das outras formas conhecidas de devoção, não busca a salvação de seus paroquianos, mas sim sua destruição, já que –através dos diversos mecanismos que o servem– faz que os homens se tornem mais individualistas, egocêntricos e consumistas.

O Trabalho das passagens mostra a existência urbana moderna como um paradigma da temporalidade histórica, uma espécie de “contra-história” que revisando o passado se manifesta como uma força ativa no presente. Nas palavras de Francisco Serra (2006, p. 159) a obra “é uma biblioteca do século XIX, do século XX e do século XXI, em que os fragmentos, os esboços e as notas que armazenavam nos atacam e nos mostram a dinâmica do capitalismo”. Benjamin toma a obra de Karl Marx (1818-1883) como uma premonição crítica da civilização industrial burguesa. O pensador de Tréveris havia indicado que as sociedades em que os modos capitalistas de produção prevalecem, são apresentadas como uma “enorme coleção de mercadorias” (MARX, 2013, p. 97). No entanto, as relações de produção que dão vida a essas mercadorias desaparecem na forma de bens, gerando uma fantasmagoria que desloca o conflito fundamental entre o trabalho e o capital. Essa estetização da economia política é o ponto de partida da análise de Benjamin, ampliando seu escopo de exame à vida social e cultural, no qual, “o mundo dominado por suas fantasmagorias é [...] a modernidade” (2005, p. 63). O que ele encontra na obra de Marx não é tanto um sistema conceitual sólido, mas sim um conjunto de conceitos que lhe permitem radicalizar a crítica da sociedade burguesa. Se o conceito de fantasmagoria foi concebido em Marx para apontar a aparência enganosa e fetichista das mercadorias, para Benjamin torna-se a base da experiência histórica, enquanto a vitrine –como em *O paraíso das damas* (2008 [1883]) de Émile Zola– emerge como uma expressão exemplar da circulação de mercadorias. Esta é a razão pela qual a Paris do século XIX é revelada como uma expressão fantasmagórica da cultura, fruto dos “sonhos e fantasias da burguesia” (PÉREZ DÍAZ, 2018, p. 182). Não é coincidência, portanto, que a noção benjaminiana contenha implicações novas e de longo alcance, já que busca representar criticamente o modo geral de experiência (ou a ausência de experiência verdadeira) como resultado das transformações nas relações e percepções socialmente construídas de acordo com a lógica da mercadoria.

Durante o mesmo período, Benjamin compôs uma série de escritos autobiográficos que têm como foco central o problema da cidade. A densa capa de reminiscências pessoais que encontramos no *Diário de Moscou* (1989 [1926-1927]), bem como nos vários esboços e memórias de sua infância na *Crônica de Berlim e Infância em Berlim por Volta de 1900* (2019 [1932-1938]), deve ser lida em conexão com os objetivos histórico-culturais do projeto filosófico referente a Paris. Os escritos que ele dedicou à sua cidade natal são menos uma fonte de informação sobre as transformações da

capital alemã do que uma topografia da modernidade. Em seus escritos encontramos uma interação complexa entre reminiscência e obras históricas. Os escritos que ele dedicou à sua cidade natal são menos uma fonte de informação sobre as transformações da capital alemã do que uma topografia da modernidade. Em seus escritos encontramos uma interação complexa entre reminiscência e o trabalho de construção histórica. Em ambos os escritos ele busca a maneira adequada de caracterizar a modernidade a partir de múltiplas incursões ao fenômeno da cidade que, observada através das galerias de Paris, tem uma função estruturante do mundo. Nas palavras de Susan Buck-Morss (1995, p. 22), “o projeto das Passagens desenvolve um método filosófico altamente original que poderia ser descrito como a dialética do olhar”. A interpretação de Buck-Morss oferece uma senha para uma abordagem enigmática que opera em diálogo com a noção benjaminiana de “imagem dialética” (2005, p. 45)², na medida em que essas reflexões fisionômicas sobre Paris são baseadas principalmente em experiências sensoriais, especialmente as óticas, cuja descrição é implicitamente orientada para um problema histórico-filosófico do presente. É um conjunto de instantâneos únicos de uma era, além do qual está a sombra do que está por vir, porque a cidade reconfigura a humanidade e reconstitui qualquer possibilidade de experiência (Cf. SZONDI, 1988, p. 18; GILLOCH, 1996).

Em seu trabalho inacabado sobre as passagens, como ruínas fossilizadas do capitalismo do século XIX, Benjamin tenta teoricamente penetrar nesta fantasmagoria para compreender o núcleo de sua fisionomia. As galerias comerciais de Paris –artisticamente desenhadas– eram relíquias de uma ordem social passada, uma espécie de precursora do moderno centro comercial, já que estavam cheias de todos os tipos de lojas, cafés e outros estabelecimentos onde os visitantes podiam comprar e desfrutar dos confortos oferecidos pela vida moderna. A área entre essas duas linhas de negócio era coberta de metal com tetos de vidro, “algo intermediário entre a rua e o interior”, o que dava aos visitantes a sensação de estar em um ambiente íntimo, protegido e bem iluminado (BENJAMIN, 2012, p. 100). Tais galerias se mostraram extremamente populares, a ponto de se espalharem pelas capitais europeias do século XIX. Embora na época de Benjamin já restassem muito poucas, já que várias haviam sido demolidos nas reformas do prefeito Haussmann, através de sua pesquisa ele conseguiu entender o papel crucial que desempenham na história social. Benjamin encontrou nessas galerias o momento em que a sociedade era ordenada em torno ao consumo³. Ele alertou que esta camada brilhante de progresso estava escondendo o verdadeiro estado das coisas. Comprar o mais recente produto da moda nada mais era do que a expressão da “quintessência da falsa consciência”, uma forma de ópio que opaca os sentidos da verdadeira natureza do mundo (BENJAMIN, 2005, p. 46).

Na exploração que faz Benjamin dos múltiplos sentidos da vida urbana e da modernidade parisiense do século XIX, ele encontrou na poesia de Baudelaire um paradigma de leitura para aquela época. O precursor do simbolismo expôs um *corpus* que, além de romper com a métrica clássica, sensibiliza –pela primeira vez– o público sobre a moralidade decadente da existência urbana burguesa. Por isso Benjamin planejou, em seus últimos anos de vida, escrever um livro sobre Baudelaire com o título: “Um poeta lírico na era do auge capitalismo” (TIEDEMANN, 2012, p. 9). Deste projeto chegou a nós, dois ensaios, “A Paris do segundo império de Baudelaire” (1938) e “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire” (1939), onde ele caracteriza o poeta como

² Com a expressão “imagem dialética” Benjamin pretende resgatar a concretização da história, reabilitando os aspectos do passado que ainda estão presentes em pequenos objetos e que escapam do domínio fantasmal do sonho coletivo. Por um lado, busca quebrar o contínuo da transmissão histórica dos chamados “tesouros culturais”. E, por outro lado, em sua dimensão construtiva, apela a constituição de uma nova rede cognitiva, na qual os fragmentos descontínuos do passado se unem em novas constelações ligadas ao presente como uma autêntica “imagem dialética”.

³ Como Donovan Hernández menciona, é um “dispositivo tecno-estético e político [...] que organiza tanto a experiência coletiva quanto a administração do corpo social, em torno da preocupação obsessiva de projetar o espaço urbano para a circulação das mercadorias” (2014, p. 261).

um personagem alegórico da era em ascensão de massas (Cf. BENJAMIN, 1980). Sua afinidade com os acontecimentos históricos, status, linguagem e concepções divergentes em torno da história, dá um tom particular à sua poesia que abre passo na historiografia materialista. Paris emerge, em sua lírica, como uma grande necrópole, um cemitério do passado que fica sobre os cimentos das suas próprias ruínas. Benjamin postula –em sua leitura de Baudelaire– uma noção de experiência como termo normativo, a ponto de mencionar que sua poesia “prometerá um alto grau de consciência” (BENJAMIN, 2012, p. 194).

Em particular, Benjamin extrai da poesia lírica de Baudelaire um personagem alegórico que representa o olhar do alienado: o *flâneur*, uma figura esquecida dos costumes europeus do século XIX (Cf. CUVARDIC, 2012, p. 27). Em seu ensaio “O pintor da vida moderna” (2010 [1863]), o poeta descreve essa figura como um observador e repórter, um colecionador pausado, que vaga pelas ruas observando e ouvindo as manifestações caleidoscópicas da vida urbana moderna. O *flâneur* oferece uma posição conveniente para analisar a sociedade moderna e as relações ao interior da cidade. Seu olhar e marcha se movem através das ruas, galerias, lojas, livrarias, cinemas, cafés, bares, hotéis e bordéis. Caracteriza-se por olhar ao redor das coisas que lhe dão prazer. Dessa forma, o artista se torna cronista da cidade. Em seu olhar “a curiosidade celebra seu triunfo” e emerge um “detetive *amateur*” que esquadrinha os rastros cobertos pela multidão (BENJAMIN, 2012, p. 140). O *flâneur* de Baudelaire rastreia os aspectos épicos da vida moderna, “tomando amostras botânicas no asfalto” para descobrir o maravilhoso e o poético (2012, p. 99). Mas este extraordinário poder visual, capaz de decifrar a cidade como texto, está constantemente ameaçado. Na rua, o poeta perde sua auréola, pois é submetido a uma infinidade de estímulos externos e a uma vigilância permanente que limita sua capacidade analítica. Sua percepção é fragmentada, sem nenhuma unidade possível. Para Benjamin “o *flâneur* ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma das duas o submeteu ainda. Em nenhuma delas [...] está em casa, senão que procura seu asilo na multidão” (2012, p. 56).

O Trabalho das Passagens é uma obra sobre o *flâneur*, um historiador da vida cotidiana que vive em uma época em que o morador urbano se tornou em um consumidor em massa após a criação dos grandes armazéns. Sua figura versátil, reflete as mudanças provocadas pela industrialização, o êxodo rural e as transformações de Haussmann. Embora pareça zombar dos principais valores do capitalismo, ele não está completamente longe disso e se torna a figura histórica mais reveladora desse ambiente, e sintoma dos processos de mercantilização da sociedade. Percorre através das avenidas, calçadas, passagens e vitrines, profundamente familiarizado com os objetos e em contato com as pessoas dessas criações. Capturar essa experiência não é alcançado participando do espetáculo urbano como mais um na multidão, mas sim adotando uma orientação despreocupada para a comunidade e que seja lenta o suficiente para orientar-se no que Benjamin denomina os ritmos da cidade. Para o *flâneur* a cidade é um espetáculo: um lugar que maravilha pela mutação perpétua da forma urbana e, assim, torna-se testemunha da aceleração do ritmo da vida cotidiana. Com o passar dos anos, a iluminação pública, o telégrafo, o telefone, o carro e os aviões mudaram nossa percepção de tempo e espaço, tornando-se cada vez mais comprimidos, imediatos e instantâneos. Ao contrário do *flâneur* que observa a modernização e a natureza efêmera da cidade, a continuação, do ponto de vista de Virilio, veremos como o “novo homem” adota movimento, velocidade e progresso como expressão dinâmica da vida cotidiana moderna.

2. Velocidade, transparência e superexposição: o desaparecimento da cidade por Virilio

Nas últimas décadas, houve um recuo dos cidadãos para a vida privada, resultando em uma perda da esfera pública, desmobilização social progressiva e uma profunda desconexão com

os assuntos comunitários. A redução do espaço público leva não só a uma crise do espírito comunitário, mas também ao aumento da despolitização e à desintegração das relações sociais. Esse processo de mudança e transformação tem se desenvolvido em conjunto com os processos de modernização. A ideia de que as sociedades ocidentais perdem a conexão ao nível do espaço público à medida que se modernizam tem sido um tema contínuo nas ciências sociais. Os já citados Marx, Simmel e Weber concluíram que as comunidades reduzem seus laços de solidariedade, em quantidade e qualidade, quando uma sociedade se torna mais urbana e industrial. A famosa observação de Simmel (1984, p. 200) de que “em nenhum outro lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da grande cidade”, ilustra fortemente a alienação e o sentimento de perda da comunidade na cidade moderna.

Aqui o problema da velocidade parece importante para mim, pois há uma linhagem teórico-social muito influente que se estende de Benjamin a Virilio, que se baseia precisamente na dimensão da velocidade como motor da modernidade e que avalia o impacto de um novo *tempo* urbano no social. A modernidade urbana é medida de acordo com a velocidade crescente com que o mundo é experimentado. *Time is money* tornou-se o lema da nossa era. É uma temporalidade que está profundamente ligada aos corpos e mentes dos seres humanos desse novo século. Este novo fetichismo referente ao tempo é caracterizado pela primazia da velocidade sobre a lentidão. Os tempos modernos perderam a possibilidade de diferenciação: não há mais estações, idades ou períodos. Vivemos em uma sucessão de momentos que nos privam de qualquer referência temporal. A sazonalidade dos alimentos e a violação da cronobiologia são dois exemplos claros disso. A sociedade em crescimento –segundo Virilio– impôs próteses técnicas para desnaturalizar o cotidiano: iluminação pública, aquecimento central no inverno, ar-condicionado no verão, ionização alimentar, etc.

A preocupação de Virilio com a organização temporal e espacial da sociedade está enraizada em sua prematura formação em arte, arquitetura e urbanismo. Depois de estudar na *École des Métiers d'Art*, e assistir aulas na Sorbonne de Vladimir Jankélévitch e Raymond Aron, Virilio especializou-se como vidraceiro e trabalhou sob as ordens dos artistas Henri Matisse e Georges Braque na restauração de algumas igrejas (Cf. JAMES, 2007, p. 112). Em 1963 fundou o grupo *Architecture Principe* com Claude Parent, que hospedaria grandes nomes da arquitetura francesa contemporânea, como Jean Nouvel (Cf. JAMES, 2007, p. 25). Foi professor de arquitetura na *École Spéciale d'Architecture* em Paris entre 1969 e 1999, e geralmente se descreveu como um urbanista ou um pensador da cidade. No entanto, esta carta de apresentação não faz justiça à amplitude e escopo de seus compromissos teóricos e práticos. Virilio é uma *rara avis*, que se tornou um dos mais significativos representantes da chamada “filosofia da técnica”, pois sua preocupação está focada em mostrar como as técnicas atravessam nossos corpos e organizam nossa relação com o mundo e outros. Seu exame sobre conexão entre geopolítica, guerra, velocidade, tecnologia e controle é considerado como uma das abordagens mais desafiadoras e perturbadoras da política de segurança em nossos tempos, uma perspectiva que nos ajuda a compreender um mundo que enfrenta problemas decorrentes do desejo de tornar a vida mais segura, rápida e eficiente (Cf. LACY, 2014).

Virilio descreve a cidade como um lugar que possibilita a vida cotidiana, organizada por canais de comunicação e transporte, cruzada por estradas, canais, portos, ferrovias e aeroportos. A cidade em si é, em parte, um conglomerado dessas estradas, uma parada para viagens e um sistema de “circulação habitável” (VIRILIO; PARENT, 2000, p. 5). O cotidiano da cidade acontece no espetáculo da rua, mobilizando e movimentando os fluxos de trânsito e pessoas. Por essa razão, –Como Benjamin– ele vê na Paris do barão Haussmann um exemplo extraordinário, onde a cidade incorpora o fenômeno da aceleração: as amplas avenidas permitem passar muito mais rápido e, ao mesmo tempo, permitem um maior e melhor controle da população (Cf.

VIRILIO, 1993, p. 24). O poder político é essencialmente baseado no domínio da velocidade, já que quanto mais cresce a mobilidade, mais o controle aumenta (Cf. VIRILIO, 1996).

A partir de sua análise temporal, Virilio cunhou o termo “*dromologia*” (2003, p. 48), que concentra a importância política da velocidade e relatividade do espaço. Neste quadro, distingue três revoluções em torno da velocidade. O primeiro refere-se à “revolução do transporte” que tem seu momento de maior desenvolvimento no século XIX, graças ao processo de transformação industrial, onde a ferrovia é a invenção paradigmática, que por sua vez produziu uma nova concepção da velocidade e fez com que as pessoas fossem, gradualmente, tornando-se independentes dos meios metabólicos de transporte, como são os animais de carga (VIRILIO, 2003, p. 100). Mais tarde, durante o século XX, veio a “revolução das transmissões”. A rádio, o cinema, a televisão e, mais recentemente, a Internet, mudaram fundamentalmente o mundo e a percepção que temos dele (VIRILIO, 1999, p. 124). Embora a revolução do transporte ocorreu na área de velocidade relativa, as novas tecnologias dos meios de transmissão são baseadas na velocidade absoluta da luz. Enquanto os meios costumavam ser relativos ao espaço e ao tempo, agora tudo acontece em *tempo real*. Por exemplo, com o telefone e ainda mais com a Internet as pessoas dispensam o contato direto com seus semelhantes. A terceira e última dessas transformações é a “revolução dos transplantes” (VIRILIO, 1997, p. 55), e que acontece no corpo humano, o último território que resta a ser conquistado, uma vez que o espaço desapareça e vivamos sob a lógica do tempo real. Esta última revolução consiste em introduzir a tecnologia de transmissões ao interior do corpo, por meio de certas técnicas cirúrgicas. Expressa a vontade de nutrir o organismo não mais com proteínas, mas com tecnologia através de implantes: desde o marca-passo, que foi o primeiro implante fundamental, até microchips, telefones embutidos, etc. (VIRILIO, 2003, p. 104).

Segundo Virilio (2003, p. 106), assim como existem três revoluções, existem três tipos de corpos: o corpo territorial, o corpo social e o corpo animal. O primeiro, refere-se ao mundo, que o homem desde cedo começou a intervir com a geração de meios de transporte: canais de irrigação, calçadas, estradas, ferrovias, linhas de alta tensão, infraestrutura, etc. O segundo, corresponde às estruturas e sistemas sociopolíticos que o homem criou – a monarquia, a república, a democracia, etc. – e que logo foram irrigados, graças à energia e eletricidade, por uma grande quantidade de meios de transmissão: o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão, a internet, etc. E o terceiro corresponde ao nosso corpo biológico que hoje está sendo colonizado por próteses: “A técnica coloniza o corpo do homem como ele colonizou o corpo da Terra. As estradas, ferrovias e companhias aéreas colonizaram, organizando-a, o corpo territorial. Hoje, o ameaçado pela colonização das micromáquinas é o corpo animal” (VIRILIO, 1997, p. 56).

Virilio argumenta que passamos do longo tempo da história para o tempo intensivo de uma instantaneidade sem história. Como ir a qualquer lugar, sem importar a distância, mas sempre mais rápido? Se tentarmos responder a essa pergunta de uma perspectiva arquitetônica, uma das principais ideias que se instala é, como Virilio (1991, p. 108) chama, o “esgotamento” do físico. O corpo sedentário pelas múltiplas “próteses” que passa do carro para o elevador, do elevador para uma poltrona confortável na frente de um computador ou de uma televisão, tende a desaparecer (VIRILIO, 2003, p. 20). Embora Virilio, em seus textos, fala de um mundo tecnológico dominado por faxes, telefones fixos, computadores desktop e televisão, tecnologias que foram substituídas por dispositivos digitais portáteis, seu pensamento emerge extraordinariamente profético e ao mesmo tempo visionário.

Virilio adverte que a centralidade que alguma vez ocupou a cidade, e que agora está em declínio, não é apenas porque as cidades estão se expandindo devido à hiperconcentração da população, mas sim porque o centro foi substituído pelo nodo. A cidade se revela “superexposta” como resultado de sua integração em redes de transferência, transporte, transmigração e

transmissão (VIRILIO, 1991, p. 120). Não é o espaço real, com sua geometria –centro e periferia– que domina, mas sim o *tempo real* que anuncia a emergência de uma “cidade virtual”, que não está em nenhum lugar e ao mesmo tempo em todos os lugares. Com a expressão “cidade superexposta” Virilio (2005, p. 7) caracteriza um núcleo dominado pela proliferação de muitas telas eletrônicas, onde “o espaço urbano perde sua realidade geopolítica para o benefício exclusivo dos sistemas de deportação instantânea”. O tempo real anula qualquer sensação de distância física, já que quanto mais rápido nos movemos ao redor do mundo, menor parece. O desaparecimento do espaço real é proporcional ao desaparecimento do tempo local e histórico. Isso havia sido antecipado por Guy Debord (2005, p. 120) quando identificou nossa época como uma “sociedade do espetáculo” que, ao suprimir a distância geográfica, “recolhe interiormente a distância, enquanto separação espetacular”.

“Onde começa a cidade sem portas?”, pergunta Virilio (1991, p. 19) antecipando uma cidade de trânsito permanente, onde o tempo ultrapassou o espaço e onde as telecomunicações substituíram tanto nosso ambiente de vida quanto o de trabalho. As cidades inteligentes criam *polirritmos* urbanos e mudam o compasso das atividades cotidianas (Cf. KITCHIN, 2019). Vivemos em uma “dimensão perdida”, onde a praça pública tridimensional do nosso passado urbano entrou em colapso na interface bidimensional das múltiplas telas que funcionam como portas de entrada ao lar, ao escritório e aos espaços públicos. Muros e portas urbanas deram lugar a uma grande quantidade de aberturas, redes de informação e comunicação. A nova tecnologia cibernética destrói as fronteiras dos espaços urbanos em favor dos canais geopolíticos do mundo global e do ciberespaço atópico. Virilio, em uma entrevista com Sylvère Lotringer (2007, p. 75), expõe isso com muita clareza:

Por muito tempo a cidade existiu exatamente onde estava. Paris estava em Paris e Roma em Roma. Existe uma inércia territorial e geográfica. Agora há uma inércia no tempo, uma inércia polar [...]. Estamos caminhando para uma situação em que todas as cidades querem estar no mesmo lugar ao mesmo tempo. [...] Quando pudermos ir para as antípodas em um segundo ou um minuto, o que restará da cidade? O que restará de nós?

A *ágora*, onde os cidadãos livres da cidade se reuniram, é substituída por uma tela. A realidade dos objetos é substituída pela virtualidade de sua imagem (Cf. VIRILIO, 1993, p. 64):

Onde uma vez a polis inaugurou um teatro político, com sua *ágora* e fórum, hoje apenas há uma tela de raios catódicos, onde as sombras e os espectros de uma dança comunitária se misturam com seus processos de desaparecimento, onde a cinemática transmite a última aparência do urbanismo, a última imagem de um urbanismo sem urbanidade (VIRILIO, 2005, p. 8).

A *polis* não é mais o local político por excelência, a deslocalização dos meios inicia um fenômeno de desurbanização que ainda não é compreendido, já que ainda não atinge visivelmente o local da concentração metropolitana. A imagem pública está deslocando o espaço público, que terá consequências imprevisíveis para a democracia. A aceleração leva a um estranho paradoxo: enquanto, por um lado, a distância se aproxima, por outro, as pessoas se afastam de seus mais próximos. O teletrabalho liberta as pessoas da necessidade de deixar seu espaço privado, onde se confinam como um casulo (Cf. VIRILIO, 1997, p. 34). Segundo Virilio (1997, p. 36), esse “cidadão terminal” está completamente fora de controle e perde todas as formas de movimento e atividade natural: “Na velocidade da luz começa o *rigor mortis*, a imobilidade absoluta da humanidade. Nós nos opomos à paralisia: não porque a abundância de carros paralisa o trânsito, mas porque todos terão tudo à sua disposição, sem ter que ir a lugar nenhum” (RÖTZER, 1986, p. 157).

As sociedades antigas foram definidas por um determinado território, cuja divisão e administração foram formadas sobre a base da lei e da política (VIRILIO; LOTRINGER, 2007, p. 151). A cidade antiga oferecia segurança e apego às pessoas, sua extensão territorial estabeleceu os limites do horizonte humano da experiência. Na nova cidade, essas fronteiras estão ficando cada vez mais desvanecidas. De agora em diante, as imagens fragmentárias derivadas de várias fontes constituem a “imagem da cidade”. Essa mudança de experiência volatiliza progressivamente o real e destrói o objeto da experiência vivida em modos tecnológicos de representação, que constituem uma desrealização e desmaterialização do objeto. Ou seja, enquanto o objeto da experiência vivida alguma vez foi objeto de percepção, um objeto visto e moldado pelo sujeito corporal, os objetos do ciberespaço e da realidade virtual são abstratos e imateriais. Como resultado do atual desenvolvimento da cidade e, em particular, da evolução tecnológica no campo dos meios de comunicação, Virilio vê o espaço público em risco e, portanto, a possibilidade da política.

Nesse novo cenário, dominado pelos meios digitais, emerge, o que poderíamos chamar de *cyberflânerie*, que fornece uma descrição adequada para caracterizar o modo de vida neste espaço híbrido. A navegação na web permite a ilusão de uma certa liberdade, como fez o *flâneur* no século XIX: caminhar, parar, mudar de direção à vontade, contemplar produtos à venda, mas tudo isso na Web 2.0 e graças aos dispositivos móveis. A nova ordem de circulação da cultura produz cada vez mais consumidores com identidades comercializáveis e controláveis. À medida que a Internet se torna móvel, os próprios usuários se tornam nódulos ambulantes na rede, levando a uma mudança na experiência do espaço físico. Com a dissipação das fronteiras da cidade, estamos presenciando o surgimento de um novo tipo de metrópole, uma espécie de “cidade infinita”. O ser humano não está mais no centro deste projeto de expansão da virtualidade, senão que é a massa de cidadãos consumidores controlada pela presença obsessiva de câmeras.

Isso possibilita o retorno da cidade fortificada, pois onde quer que você olhe, vemos bairros privados, protegidos por cercas elétricas, câmeras e seguranças. Estes são apenas alguns dos sintomas da regressão patológica da cidade. Passamos de uma *cosmópolis*, a cidade aberta do passado, para um *claustrópolis*, onde o confinamento implica a exclusão do estranho (VIRILIO, 2006, p. 29). Seguindo Virilio, não é mais possível entender as cidades em termos de entidades separadas, definidas por algum tipo de localização específica, mas apenas como uma rede global, pois todas elas estão agora em constante estado de intercâmbio entre si (Cf. VIRILIO, 2001, p. 64). Em outras palavras, as cidades já não são mais locais de encontros presenciais porque: “a tela de repente tomou o lugar da praça pública, e estava na encruzilhada de todos os meios massivos” (VIRILIO, 2005, p. 11). Assediadas por ferramentas de vigilância, as cidades se tornam epicentros de ansiedade, devastação, desconfiança, emergência, medo, paranoia e vulnerabilidade. Embora todas as metrópoles modernas e suas populações civis sempre tenham sido alvo de terror, na era massiva das telecomunicações estão sob um apocalíptico estado de sítio.

Em sua obra seminal *Cidade do Pânico*, Virilio argumenta que cidades ao redor do mundo têm sido objeto de terror político e tecnológico ao longo do século passado. O pensador fala eloquentemente da proliferação de comunidades fechadas e de uma rede de vigilância em constante expansão:

De fato, se o medo é o ingrediente básico do fantástico, a administração do medo público, que estreou há cerca de quarenta anos com o 'equilíbrio do terror', retoma o serviço ativo desde o outono de 2001 [...]; temos assistido verdadeiros 'passes mágicos' de multimídia [...] com um excesso de meios pirotécnicos que, sem poder usar as famosas 'armas de destruição massiva', usam e abusam dessas “armas de comunicação” também massivas (VIRILIO, 2006, p. 91-92).

O progresso oferece muitas oportunidades, mas o ritmo acelerado da mudança também traz perigos. Além da automatização dos sistemas de vigilância, e dos sistemas de defesa, se adiciona o controle automatizado do sistema financeiro. Os algoritmos decidem sobre empréstimos, investimentos e riscos. O problema é que os critérios que os algoritmos usam para tomar uma decisão são incompreensíveis para a maioria das pessoas, por causa de sua complexa trama de velocidade. Então cabe perguntar: A inteligência artificial coloca em risco nossa democracia e nossa liberdade pessoal? Quais decisões podemos e queremos encarregar aos algoritmos? As consequências socioculturais revolucionárias da implantação das tecnologias controladas automaticamente e cibernéticas na cidade, nos instiga a fazer o nosso mundo em que vivemos, para recuperar a velocidade metabólica do nosso corpo territorial. Virilio propõe reposicionar-nos com respeito ao corpo, recuperar a materialidade do físico, dos viventes, ou seja, voltar ao contato corporal humano, mas para isso é essencial primeiro fazer a nossa própria terra em que vivemos. Ele nos sugere, como urbanista, que uma das soluções passe pela paisagem, ou seja, voltar a conviver com nosso entorno, tornar espaços públicos nossos e, dessa forma, voltar a se conectar com os outros. Para isso é essencial ressignificar nosso mundo, em toda a sua magnitude e em toda a sua multiplicidade, com tudo o que nosso passado implica e estar ciente de todas as possíveis consequências, no futuro, de nossas ações no presente.

Considerações finais

A vida cotidiana está sujeita à *dromologia*, ou seja, ao contínuo aumento da velocidade, que posiciona a consciência humana dentro dos domínios da tele presença abjeta. A atividade ociosa do *flâneur* está em questão hoje em dia. Instala-se uma *dromocracia*, o poder da velocidade, que diminui o espaço e amplia o tempo. É um processo de transformação que atinge todas as formas produtivas de existência. Com Benjamin conseguimos examinar a gênese de uma visão moderna da cidade, através de sua análise das formas arquitetônicas e práticas urbanas. A Paris do Segundo Império foi revelada para nós como o lugar onde a fantasmagoria urbana transfigurava falsamente o capitalismo em uma promessa de felicidade, que se aprofundou e se multiplicou com a chegada do consumo massivo e o desenvolvimento das indústrias culturais. Na nossa sociedade, como aponta Virilio, foi instalada uma nova economia do tempo que aniquila o espaço urbano ao desmaterializar suas coordenadas arquitetônicas. No rastro emerge uma visão particularmente sombria de uma “cidade superexposta” em que as tecnologias de comunicação eletrônica geram a desmaterialização da cidade.

Neste novo cenário, Virilio argumenta que agora existimos em uma condição de post-arquitetura, onde nossa relação com as restrições tradicionais impostas por elementos arquitetônicos, como muros, mudou graças aos avanços tecnológicos. O emblemático disso tem sido a mudança na forma como se entra na cidade. Não é mais o porto ou a estação ferroviária, senão o aeroporto a entrada principal da cidade, que incorpora formas invisíveis de controle através de sistemas eletrônicos de vigilância. As restrições físicas, como as muralhas foram substituídas por outros métodos de controle mais sofisticados. O desenvolvimento de novas tecnologias não só reduziu a necessidade de proximidade física, senão como também desafiou a própria necessidade de presença física. Uma vez que a interação pessoal pode ser trasladada para o reino do virtual, tudo o que está associado ao mundo do físico perde sua hegemonia.

Finalmente, este ensaio tem como objetivo, por um lado, compreender a complexa rede que molda a cidade e como ela molda o cotidiano e, por outro, contribuir para a compreensão da dinâmica social e as políticas que surgem na encruzilhada entre a cidade e o digital. Embora a *polis* grega era um modelo cidade-estado, onde a participação pública ativa na vida política de todos os cidadãos legítimos era um padrão, hoje devemos analisar o desenho dos espaços políticos

e sociais dentro da “cidade digital”. Quais são as modalidades de ação e mediação entre as partes interessadas para trabalhar em direção ao bem comum? Esta última não está clara, pois o conceito de “cidade digital” tem se manifestado através da aplicação de um discurso alimentado por uma única retórica: a inovação constante. Vale a pena perguntar: Quais relacionamentos e quais riscos poderiam ser revelados a partir de um discurso digital territorial? Diante dessa interrogação, será necessário continuar a reflexão sobre essas questões, tendo em vista que quando falamos de uma “cidade digital” é necessário questionar a neutralidade das ferramentas tecnológicas no surgimento de uma cultura digital.

Referências

- AGAMBEN, G. Benjamin e o capitalismo. *Coluna Blog da Boitempo*, 05/08/2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/08/05/benjamin-e-o-capitalismo/>. Acesso em: 08 de jan. 2023.
- AGUIRRE, J. Walter Benjamin: fantasmagoría y objetividad. In: BENJAMIN, W. *Poesía y capitalismo. Iluminaciones II*. Madrid: Taurus, p. 10-19. 1980.
- ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Edipro, 2018.
- BAUDELAIRE, Ch. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010 [1863].
- BENJAMIN, W. *Berliner Chronik / Berliner Kindheit um neunzehnhundert*. Berlin: Suhrkamp, 2019 [1932-1938].
- BENJAMIN, W. *Diário de Moscou*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1926-1927].
- BENJAMIN, W. *El Paris de Baudelaire*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012.
- BENJAMIN, W. *Fragmentos de contenido misceláneo. Escritos autobiográficos*. Madrid: Abada, 2017.
- BENJAMIN, W. *Libro de los Pasajes*. Madrid: Akal, 2005.
- BENJAMIN, W. *Poesía y capitalismo. Iluminaciones II*. Madrid: Taurus, 1980.
- BERLIN, I. *As raízes do romantismo*. São Paulo: Três estrelas, 2015.
- BUCK-MORSS, S. *Dialéctica de la mirada: Walter Benjamin y la dialéctica de los pasajes*. Madrid: Visor, 1995.
- CUVARDIC, D. *El “flâneur” en las prácticas culturales, costumbrismo y el modernismo*. París: Éditions Publibook, 2012.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.
- GILLOCH, G. *Myth and metropolis. Walter Benjamin and the city*. Cambridge, UK: Polity Press, 1996.
- HARVEY, D. *Paris: Capital of Modernity*. London: Routledge, 2006.
- HERNÁNDEZ, D. La Ciudad de las fantasmagorías: La modernidad urbana vista a través de sus sueños. *Andamios*, v. 11, n. 25, p. 243-271. 2014.
- JAMES, I. *Paul Virilio*. New York: Routledge, 2007.
- JORDAN, D. *Transforming Paris: The life and Labors of Baron Haussmann*. New York: Free Press, 1995.
- KITCHIN, R. The Timescape of Smart Cities. *Annals of the American Association of Geographers*, v. 109, n. 3, p. 775-790. 2019.
- ILG, A. Una tesela en el mosaico urbano. Benjamin y los pasajes. *Acta Poética*, v. 28, n. 1-2, p. 151-172, 2007.
- KIRKLAND, S. Paris Reborn: Napoleon III. Baron Haussmann and the Quest to Build a Modern City. New York: St. Martin's Press, 2013.
- LACY, M. *Security, Technology and Global Politics: Thinking with Virilio*. New York: Routledge, 2014.
- MARX, K. *O capital: crítica de economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PÉREZ DÍAZ, P. Una imagen fantasmagórica: modernidad, capitalismo y religión en Walter Benjamin. *Revista de Humanidades de Valparaíso*, n. 12, p.169-186. 2018.
- RÖTZER, F. *Französische Philosophen im Gespräch*. München: Boer, 1986.
- SERRA, F. El libro de los Pasajes de Walter Benjamin. *Foro Interno*, n. 6, p. 155-161. 2006.
- SIMMEL, G. *Das Individuum und die Freiheit. Essais*. Berlin: Wagenbach, 1984.
- SIMMEL, G. *Die Großstädte und das Geistesleben*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006 [1903].
- SZONDI, P. Walter Benjamin's city portraits. In: SMITH, G (Ed.). *On Walter Benjamin. Critical Essays and Recollection*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1988.

- TIEDEMANN, R. Baudelaire, un testigo en contra de la clase burguesa. *In: BENJAMIN, W. El Paris de Baudelaire*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, p. 9-41. 2012.
- TIEDEMANN, R. Introducción del editor. *In: BENJAMIN, W. Libro de los Pasajes*. Madrid: Akal, p. 8-33. 2005.
- VIRILIO, P. *Amanecer crepuscular*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- VIRILIO, P. *Ciudad Pánico. El afuera comienza aquí*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2006.
- VIRILIO, P. *El arte del motor. Aceleración y realidad virtual*. Buenos Aires: Manantial, 1996.
- VIRILIO, P. *El cibernundo, la política de lo peor. Entrevista con Philippe Petit*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.
- VIRILIO, P. *Estética de la desaparición*. Barcelona: Anagrama, 2003.
- VIRILIO, P. *La bomba informática*. Madrid; Ediciones Cátedra, 1999.
- VIRILIO, P. *La ciudad sobreexpuesta*. Cali: Lugar de dudas, 2005.
- VIRILIO, P. *La velocidad de la Liberación*. Buenos Aires: Manantial, 1997.
- VIRILIO, P. *Revolutionen der Geschwindigkeit*. Berlin: Merve, 1993.
- VIRILIO, P. *The lost dimension*. New York: Semiotext(e), 1991.
- VIRILIO, P. The Time of the Trayjectory: Interview with Andreas Ruby. *In: ARMITAGE, J. (Ed.) Virilio Live: Selected Interviews*. London: Sage, 2001.
- VIRILIO, P.; LOTRINGER, S. *Pure War. Twenty-Five Years Later*. Los Angeles: Semiotext(e), 2007.
- VIRILIO, P.; PARENT, C. *Architecture principe – 1966 et 1996*. París: Les Éditions de l'Imprimeur, 2000.
- WEBER, M. *Die Stadt*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000 [1921].
- ZOLA, É. *O Paraíso Das Damas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008 [1883].

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Mauricio Mancilla Muñoz. mauriciomancilla@uach.cl